



**Percorso sem barreiras:  
A vida de jovens do paradesporto cearense<sup>1</sup>**

Tamara Lopes de SOUSA<sup>2</sup>  
Kamila Bossato FERNANDES<sup>3</sup>  
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

**Resumo**

O documentário é uma expressão do real, um pincelar do cotidiano e uma tentativa de adequar momentos de uma vida a um pequeno espaço de tempo. Como afirma o teórico e pesquisador francês Jean Louis Comolli, o que torna esta tipologia fílmica encantadora é a possibilidade deste produto ser “atravessado pelo real”, nos surpreendendo por não ter uma solidez ficcional, com começo, meio e fim bem definidos. São as personagens que, ao longo da coleta de informações, vão moldando o resultado final. E é através da vida de jovens com algum tipo de deficiência que iniciam sua jornada no paradesporto cearense que tecemos o projeto *Percorso sem barreiras*. O objetivo é mostrar que as realidades de cada um não diferem muito das demais pessoas que residem na capital do Ceará, exceto pelo fato de se dedicarem ao esporte.

**Palavras-chave:** Documentário, Paradesporto, Juventude.

**Introdução**

Tal qual uma crônica, esta tendência estética mescla características poéticas e factuais. Desbravando todo o território nacional, o gênero fílmico ganha espaço nas principais salas de exibição e garante festivais exclusivos. Seja com equipamentos sofisticados ou com câmeras de celular, o essencial é fazer o público refletir sobre uma realidade a ser retratada.

Desde 1898, o documentário faz parte do cenário fílmico brasileiro. Em um primeiro momento, assim como os demais filmes produzidos na época, tratava-se de registros sem sons, contando ou não com legendas. Entretanto, só em 1913, o escritor e

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 12 a 14 de junho de 2013.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Ceará, email: [tamara.lops@gmail.com](mailto:tamara.lops@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UFC, email: [kamila.fernandes@gmail.com](mailto:kamila.fernandes@gmail.com)



fotógrafo etnográfico americano Edward S. Curtis utiliza o termo documentário para definir uma obra cinematográfica não-ficcional.

Da mesma forma que a Teoria do Espelho presente no Jornalismo prima pela reprodução da verdade ao público, o documentário torna-se um responsável por levar o cotidiano do assunto tratado aos espectadores, difundindo o conceito de responsabilidade social de maneira didática.

“Diferentemente do jornalismo, o documentário se realiza após o acontecimento, mas diferentemente do espetáculo, é-lhe proibido ‘reconstituir’ o que não filmou. Assim, ele coloca em jogo o *primado do real* que parece cada vez mais necessário ao motor libidinal que faz girar as sociedades”. (COMOLLI, 2008, p. 29).

Um dos grandes nomes do documentário brasileiro é Humberto Mauro. O mais famoso do Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE) oscilou entre o documentário instrumental (1936 a 1947) e o preservacionismo cultural (1947 a 1964), totalizando 357 filmes. Durante a primeira fase, segundo Labaki, “predominam temas científicos (*Combate à lepra no Brasil; Vitória-régia*), com incursões na cultura popular e no folclore (*Ponteio*) e o perfil de vultos históricos (*Bandeirantes; Euclides da Cunha*)”. Já na segunda fase, prevalece a essência pedagógica e as produções eram encomendas oficiais. Como expoente desse período, está a coletânea *Brasilianas*, embasada no “inventário cancionero popular”.

Enquanto Humberto se destacou na década de 1930, Eduardo Coutinho é referência do documentário atual. Segundo Labaki, Coutinho criou um método próprio: o “cinema de conversa”. Consuelo Lins explica que o método é “como se a predisposição de dar voz aos sujeitos da experiência [...] fosse ganhando força, a ponto de abolir ou subjugar outras formas de abordagem”.

Visando reproduzir o cotidiano de jovens do para desporto cearense unindo a pedagogia e didática do documentário de Humberto Mauro, trazendo tendências contemporâneas presentes nos filmes de Eduardo Coutinho, teceremos as narrativas, histórias e imagens necessárias para a composição de *Percurso sem barreiras*.

### **Justificativa**

O Brasil é um país continental, tanto em dimensões quanto em diversidade cultural. São vários os rostos, as cores, os credos, os vícios linguísticos, os estilos.



Mesmo em uma sociedade recheada de contrastes, ainda há preconceito em relação a grupos minoritários que fazem do nosso país o que ele é. Entre eles estão as pessoas com deficiência.

Em abril de 2012, pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontaram que no Brasil 45,6 milhões de pessoas possuem algum tipo de deficiência, seja ela motora, visual, auditiva ou mental. Deste montante, os maiores níveis para todas as deficiências são registrados na região Nordeste.

O Ceará está em terceiro lugar na região, com pelo menos 2.340.150 pessoas com deficiência, o que equivale a 27,69% da população. Dentre eles, 22,15% possuem deficiência visual, 6,23% se declaram surdas e 8,08% com deficiência motora. Segundo o Censo 2010, os maiores percentuais de pessoas com deficiência são brasileiros que se declaram amarelos ou negros.

Em relação à faixa etária, 7,5% dos deficientes tem até 14 anos e 24,9% dentre eles estão com 15 a 64 anos. Este jovens, segundo o IBGE, têm o amparo de 93,7% dos municípios do Brasil, uma vez que estes possuem iniciativa para a inclusão escolar. A Pesquisa de Informações Básicas Municipais – Perfil dos Municípios (Munic) de 2011 mostrou que 73,3% dos municípios registravam ações de combate à violência escolar e 69,4% disseram implementar ações contra a discriminação escolar.

Uma das medidas para garantir o bem estar da juventude com deficiência é mostrar o potencial que ela ainda possui mesmo com alguma “limitação” física. E o esporte é o fator que possibilita tanto essa melhoria na qualidade de vida, quanto a reintegração do indivíduo na sociedade.

A tabela a seguir apresenta os avanços que os deficientes tiveram desde a década de 1980 até 2004:

<b>Ano</b>	<b>Legislação internacional/ brasileira</b>
1980	Estabelecida como a Década Internacional da pessoa com deficiência
1981	Adotado pela ONU como Ano Internacional das Pessoas com Deficiência
1983	Elaboração da Convenção 159 pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) que recomendou a inserção das pessoas com deficiência no mercado de trabalho, a fim de “desfrutem com equidade das oportunidades de acesso, conquistem e desenvolvam o seu trabalho”.
1989	Brasil: Lei 7.853 (10/1989) – Estabelece normas gerais dos direitos das pessoas



	com deficiência, às competências dos órgãos da administração pública em relação às pessoas com deficiência; as normas de funcionalidade das edificações e vias públicas; as competências da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (CORDE).
1990	Aprovada a ADA (Lei dos Deficientes dos Estados Unidos), aplicável a toda empresa com mais de 15 funcionários.
1991	Brasil: Lei 8.213/91 – Estabelece cotas da contratação para empresas privadas com mais de 100 funcionários. Dispõe também sobre os Planos de Benefício da Previdência Social.
1992	Estabelecida a data de 3 de dezembro como Dia Internacional das Pessoas Portadoras de Deficiência da ONU.
1994	Declaração de Salamanca (Espanha), tratando da educação especial.
1995	A Inglaterra aprova a legislação semelhante a ADA para empresas com mais de 20 empregados.
1997	Tratado de Amsterdã, em que a União Europeia se compromete a facilitar a inserção e a permanência das pessoas com deficiência nos mercados de trabalho
1999	Promulgada na Guatemala a Convenção Interamericana para a Eliminação de todas as Formas de Discriminação Contra as Pessoas Portadoras de Deficiência  No Brasil: Decreto 3298 (20/12/1999) – Regulamenta a lei 7.853/89; dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência na sociedade. Traz a conceituação de deficiência e fixa os parâmetros de avaliação.
2000	Foram criadas duas leis no Brasil:  Lei 10.048 (11/2000) – Dá prioridade de atendimento às pessoas com deficiência em repartições públicas e bancos.  Lei 10.098 (19/12/2000) – Estabelece normas de supressão de barreiras e obstáculos às pessoas com deficiência em espaços públicos, edifícios, meios de transporte e comunicação.
2002	Realizado em março o Congresso Europeu sobre Deficiência, em Madri, o qual



	estabeleceu 2003 como o Ano Europeu das Pessoas com Deficiência
2004	Brasil: Decreto 5296 (04/12/2004) – Regulamenta as Leis 10.048 e 10.098, que tratam de atendimento e acessibilidade para pessoas com deficiência. Redefine as deficiências física, visual e auditiva.

Fonte: Coleção FEBRABAN de Inclusão Social/ Federação Brasileira de Bancos

Visto todos estes dados, percebe-se uma mudança da conduta do Governo em relação a este público. O fato de determinar leis específicas para manter os direitos destes cidadãos pressupõe a garantia de reformas substanciais na estrutura física das cidades e na conduta dos demais indivíduos em relação aos deficientes. Contudo, o documentário *Percurso sem barreiras* fará uma crítica a esta legislação, por vezes desrespeitada, e registrará de que forma a sociedade enxerga as pessoas com deficiência. Tudo isso através de relatos das personagens e registros do cotidiano.

## Objetivos

*Percurso sem barreiras* propõe um novo olhar sobre os deficientes físicos. Nossa proposta não é mostrá-los como pessoas incapazes ou como heróis: são indivíduos com angústias e anseios como qualquer outro. São jovens que, por diferentes motivos, estão na condição de deficientes, mas esta condição não os impediu de se destacar no esporte.

Contaremos a história de Erenildo Nascimento de Souza, um rapaz que ficou cego aos sete anos de idade após um atendimento médico. Ele havia pisado em um prego enferrujado, foi levado ao hospital e lá aplicaram uma injeção que causou uma reação alérgica gerando a gradual cegueira do jovem. Depois de passar por um período de tristeza devido a falta de um dos sentidos, Erenildo começou a se reintegrar à sociedade quando ingressou no Instituto dos Cegos. Lá ele aprendeu Braille, começou a ganhar autonomia e deu início à prática do esporte. Foi nadador e ganhou várias competições. Hoje pratica judô e atletismo na Universidade Federal do Ceará. Trabalha como massoterapeuta e foi aprovado no curso de Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE).

Também conheceremos a vida de Juliana Lima, atleta do único time feminino de basquete em cadeiras de rodas, o “Guerreiras Sobre Rodas IEFES-UFC”. Este ano, o time conquistou a medalha de bronze nos Jogos Paraolímpicos do Ceará. Quando tinha



apenas dois anos, ela teve poliomielite e ficou paraplégica. O esporte possibilitou melhorias na qualidade de vida da moça e hoje ela faz musculação, karatê, judô, atletismo e dança. Além disso, Juliana foi vocalista de uma banda de rock e hoje é vendedora autônoma.

Através das histórias dessas personagens, levantaremos questionamentos sobre a aplicabilidade da legislação e a estrutura da cidade de Fortaleza quanto à acessibilidade, mostrando se é possível ter autonomia para ir e vir nos principais serviços oferecidos, como transporte, atendimento médico e bancário. Mostraremos também a estrutura dos locais de moradia destas pessoas, o ambiente de treinamento, verificando se possui ou não suporte para que possam praticar o esporte de maneira segura.



Juliana Lima em um treino de basquete em cadeira de rodas



Erenildo Nascimento (*de óculos*) em um treino de atletismo.

## Metodologia

O documentário seguirá um princípio que norteia a prática dos telejornais, que, segundo Consuelo Lins, “não se limitam mais a imagens estáveis e bem enquadradas”. A vontade de registrar o fato torna-se cada vez mais presente na prática jornalística que se apropria de “planos-sequências tremidos e imagens de baixa qualidade registradas por microcâmeras, câmeras de vigilância, amadoras e de telefones celulares, buscando imprimir – ainda que de maneira limitada e ‘domesticada’ – um ‘efeito de realidade’”.

No livro *Documentário no Brasil: tradição e transformação*, Consuelo Lins apresenta um artigo sobre um dos maiores expoentes do gênero documental, Eduardo Coutinho. Pensando na estética utilizada por este autor, adicionando elementos utilizados em outras experiências documentais, faremos o registro do cotidiano de Erenildo e Juliana.

A técnica que diferencia Coutinho enquanto cineasta é uma prática bastante utilizada pelos jornalistas: a entrevista. Segundo Amir Labaki, fundador e diretor do festival *É tudo Verdade – Festival Internacional de Documentários*, “as obras de





Coutinho são sutis sinfonias de olhares, gestos e falas nas variações da língua portuguesa dominadas por seus personagens”.

Consuelo reforça que “Coutinho consegue fazer com que as pessoas tomem gosto pela palavra e contem fragmentos de suas histórias a partir de determinadas atitudes éticas articuladas a uma estética que formam uma metodologia cinematográfica singular”.

*Percurso sem barreiras* utilizará a técnica da entrevista aprofundada com as personagens principais, amigos e familiares, além de obter informações com fontes oficiais do município de Fortaleza. Diferentemente dos filmes de Coutinho, que tem um local fixo como pano de fundo das histórias, andaremos pela cidade, realizando tomadas *in loco* amplas e médias, acompanhando a jornada dos sujeitos do longa-metragem.

Essa mudança de cenários e a influência do tempo e dos transeuntes na cena proporciona uma incerteza sobre como estará o produto final. O autor Sérgio Puccini afirma que no documentário nem sempre o segmento menor de estruturação do roteiro estará semelhante à cena dramática.

“O fato de serem obrigados a reagir a uma situação não planejada, que ocorre no aqui e agora da filmagem, faz com que a experiência de filmagem se transforme em um processo de criação instantânea, de construção de repertório de imagens marcado por uma interpretação de mundo feita pelo cineasta” (PUCCINI, 2010, p.83)

Pretendemos realizar *close-ups*, imagens de detalhe e cortes para garantir maior dinamismo. É previsto também o uso de pelo menos duas câmeras durante as entrevistas, sendo uma principal e a outra utilizada para planos que fujam do padrão de enquadramento.

Não utilizaremos narrador, sendo a história totalmente construída com base nas falas dos envolvidos no enredo, buscando a riqueza da expressão verbal de cada um. Faremos uso de imagens de apoio em alguns momentos, colocando a voz das personagens em *off*. Usaremos trilha sonora nos momentos oportunos, a fim de dar leveza ao produto final.

## **Plano de Trabalho**

Durante o período de seis meses, coletaremos entrevistas e relatos de pessoas que participam da vida dos nossos personagens. Familiares, amigos, colegas de trabalho





e de escola serão responsáveis pelo fornecimento de mais dados, a fim de garantir um perfil completo de cada um dos paradesportistas do documentário.

Faremos visitas a hospitais especializados no tratamento de pessoas com deficiência, bem como iremos a escolas especializadas, participaremos de aulas e encontros do grupo de estudo do Laboratório de Atividade Motora de Percepção e Ação (LAMAPA), construindo um banco de dados sobre os estudos relacionados à melhoria da qualidade de vida de pessoas com deficiência.

<b>Mês</b>	<b>Atividades</b>
Abril	Pré-produção: coleta de dados sobre políticas públicas voltadas a pessoas com deficiência na cidade de Fortaleza. Entrevistar responsáveis pelas políticas de acessibilidade da cidade e da Universidade Federal do Ceará. Também entrevistar o setor de transporte coletivo da cidade para detectar as melhorias que a frota de ônibus e vans do município teve para atender ao público.
Maio	Pré-produção: Visita a instituições que são específicas para o tratamento de jovens com deficiência, com atendimento de médicos, psicólogos, fisioterapeutas. Além disso, procurar escolas especializadas no atendimento desse público, fazendo um comparativo com escolas públicas convencionais. Iniciar atividades no LAMAPA, participar de grupos de estudos e conhecer mais sobre o projeto que atende as personagens do documentário.
Junho	Pré-produção: realizar entrevistas com parentes, amigos e colegas de trabalho/faculdade das personagens do longa.
Julho	Produção: Processo de gravação de entrevistas, imagens de apoio e do cotidiano de Juliana e Eron.
Agosto	Pós- produção: selecionar material bruto e iniciar processo de edição.
Setembro	Finalizar edição.

### **Referências Bibliográficas**

- BARROS FILHO, Clóvis de. *Ética na comunicação: da informação ao receptor*. São Paulo, Moderna, 1995.
- BERNARD, Sheila Curran. *Documentário: técnicas para uma produção de alto impacto*. Rio de Janeiro, Elsevier, 2008.



COMOLLI, Jean-Louis. *Ver e poder: A inocência perdida: cinema, televisão, ficção, documentário*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2008.

LABAKI, Amir. *Introdução ao documentário brasileiro*. São Paulo, Francis, 2006.

LINS, Consuelo. *Filmar o real: sobre o documentário brasileiro contemporâneo*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2008.

\_\_\_\_\_. O Cinema de Eduardo Coutinho: uma arte do presente. In: *Documentário no Brasil: tradição e transformação*. São Paulo, Summus, 2004.

PUCCINI, Sérgio. *Roteiro de documentário: da pré-produção à pós-produção*. Campinas, Papyrus, 2009.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo: Porque as notícias são como são*. Florianópolis, Ed. Insular, 2005.